

O TURISMO PEDAGÓGICO (TP) NA ESCOLA COMO FERRAMENTA DE REDUÇÃO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE NATUREZA (TDN)

Data de submissão: 29/08/2024

Data de aceite: 01/11/2024

Gicele Santos da Silva

Docente Superior e Pesquisadora.
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul-RS. UFSM – Universidade Federal de Santa Maria-RS. UNINTER – Centro Universitário Internacional-PR. Diversas Graduações (7) e Pós-Graduações (16). Mestranda PPGEDU/UFRGS. Registros Profissionais: CFEP N° 23.008.098. CRA-RS N° RS-055130/O. CAU-RS N° A87479-5. CREA-RS N° 220115875-4.
<https://lattes.cnpq.br/5705290214900644>
<https://orcid.org/0009-0001-8624-1600>

RESUMO: O presente Capítulo tem por finalidade discutir e compreender os benefícios oriundos da relação da criança com a natureza, impulsionando o seu desenvolvimento cognitivo, motor e criativo, dentre outros. Na análise encontram-se o Transtorno do Déficit de Natureza (TDN), o Turismo Pedagógico (TP) e a Escola em uma Formação de Professores qualificada. O Estudo tem como base principal a obra “A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit da Natureza”, do Autor Richard Louv (2016), além de autores como Bonfim

(2010), Matos (2012), Rousseau (1996), Glasser (1970), Gardner (1980). Tendo como método uma pesquisa exploratória e descritiva através de um levantamento integrativo e bibliográfico de autores e publicações que dão ênfase à temática. O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico como uma potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza e a importância da Escola em uma Formação de Professores, com foco na Educação Ambiental. Como objetivos específicos: Compreender o TDN; Analisar o TP, além de detalhar o importante papel da Escola como formadora neste processo. Dando base para responder à questão objeto do estudo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza, com a Formação de Professores com foco na prática do Turismo Pedagógico? A compreensão da urgência do estabelecimento de uma relação do Transtorno de Déficit de Natureza, com um Turismo Pedagógico é imediata, para a melhora da saúde e do desenvolvimento das nossas crianças. A Escola, os Docentes e os seus Discentes, neste cenário, devem ser os protagonistas.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno de Déficit de Natureza; Turismo Pedagógico; Escola

1 | INTRODUÇÃO

O presente Capítulo possui como tema central o Turismo Pedagógico (TP) e a sua importância como ferramenta de ação contra o Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) e a importância Escola para uma Formação de Professores, com foco na Educação Ambiental, situação que preocupa os docentes, os psicólogos e os psicopedagogos. Tendo como questionamento os desdobramentos da ação da Escola na geração de oportunidades de contato da criança com a natureza auxiliando no seu desenvolvimento e no combate ao TDN. O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico como uma potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza e o papel da Escola e de seus Docentes no processo.

Como objetivos específicos: Compreender o Transtorno de Déficit de Natureza; Analisar o Turismo Pedagógico como ferramenta de combate contra o Transtorno de Déficit de Natureza; Detalhar o importante papel da Escola na promoção e Formação de seus Docentes, para consciência e atuação nesse processo. Além de dar base, para responder à questão objeto do estudo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza, com a Formação do Professor com a prática do Turismo Pedagógico?

O assunto para elaboração deste Capítulo surgiu no decorrer da leitura do Livro - A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit da Natureza, do Autor Richard Louv, publicado no ano de 2016. O contato com essa obra despertou a curiosidade e a necessidade de um aprofundamento nas questões referentes à relação entre a criança e a natureza. Observa-se, nas práticas contemporâneas, que esse contato está desaparecendo, pois, as crianças têm passado a maior parte do seu tempo livre em frente a telas. Além das contribuições de autores como Bonfim (2010), Matos (2012), Rousseau (1996), Glasser (1970), Gardner (1980), dentre outros. Esta situação provocou outra questão que suscita interesse de pesquisa o Turismo Pedagógico. Sendo o TP uma ferramenta extremamente importante para o combate a TDN. Ação que com o apoio e intervenção da Escola torna-se uma ferramenta de grande importância, com a Escola gerando momentos para que a criança vivencie a natureza, além de apropriar ao currículo práticas pedagógicas junto à natureza. Entende-se que as crianças necessitam crescer usufruindo do contato com ela e presume-se que essa relação pode contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Para o desenvolvimento do Capítulo, estabeleceu-se os objetivos necessários para uma apreciação total da temática abordada. O objetivo geral consiste na análise do Turismo Pedagógico, como uma potencial ferramenta de combate para o Transtorno de Déficit de Natureza. Como objetivos específicos: Compreender o Transtorno de Déficit de Natureza, sua origem, características e prejuízos para as crianças, além das preocupações

na atualidade, com uma geração totalmente tecnológica; Analisar o Turismo Pedagógico, sua relevância, importância e ações potenciais como uma ferramenta de extrema importância para diminuir a incidência de casos de TD; Detalhar o importante papel da Escola no processo de combate do Transtorno de Déficit de Natureza, suas práticas e necessidades de inclusão no Currículo Escolar de oportunidades para organização e realização de atividades junto à natureza, provocando e conscientizando o aluno sobre a importância do seu relacionamento com a natureza e para com os seus. Os objetivos definidos darão condições de responder à questão objeto do estudo do Capítulo: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza, com a Formação de Professores com foco na prática do Turismo Pedagógico?

A compreensão da urgência do estabelecimento de uma relação do Transtorno de Déficit de Natureza, com um Turismo Pedagógico é imediata, para a melhora da saúde e do desenvolvimento das nossas crianças. A Escola, Docentes e os seus Discentes, neste cenário, devem ser os protagonistas.

2 | METODOLOGIA

O estudo desenvolvido apresenta-se como um estado da arte sobre o “Turismo Pedagógico, como ferramenta de prevenção contra o Transtorno do Déficit de Natureza”. Para o desenvolvimento do problema de pesquisa, utilizou-se um processo metodológico contemplando a realização de uma pesquisa exploratória e descritiva, através de um levantamento integrativo, partindo do preconizado pela revisão bibliográfica, objetivando o nivelamento dos conhecimentos. Com esse nivelamento, é possível a extração de uma visão crítica, dos aspectos norteadores, com o intuito de promover um maior conhecimento na área de estudo, através de bibliografias de autores que dão ênfase à questão e nas suas contribuições.

A fonte principal para o estudo, baseou-se na obra “A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit da Natureza” de autoria de Richard Louv, publicada no ano de 2016. As demais buscas bibliográficas foram realizadas no período entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024. A natureza quanto à abordagem da pesquisa fora destacada pelo levantamento bibliográfico de autores voltados para a temática abordada, além de publicações em periódicos e diretórios acadêmicos, como a *Scielo* - Biblioteca Eletrônica Científica Online, e pelo *Google Scholar* - Plataforma de Pesquisa Online. A questão que orientou a busca pelos materiais de pesquisa: Como a Escola pode auxiliar na diminuição do Transtorno de Déficit de Natureza, com a Formação de Professores com foco na prática do Turismo Pedagógico? Os descritores utilizados foram escolhidos de forma a representar plenamente a temática abordada e desenvolvida no estudo. Os textos em que o enfoque não se alinhava ao contexto da pesquisa foram desconsiderados.

Na concepção de Gil (2002):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas (Gil, 2002, p.44).

Concluindo a leitura dos materiais pesquisados, e relacionando-os com os objetivos de pesquisa, realizou-se a explanação do assunto.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO – O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE NATUREZA E O TURISMO PEDAGÓGICO COMO FERRAMENTA DE AÇÃO

3.1 O Transtorno do Déficit de Natureza: Uma Ação Emergente para a Saúde da Criança

O Transtorno do Déficit de Natureza (TDN) é relatado pela literatura desde 2005. Refere-se aos impactos negativos relacionados ao distanciamento das crianças da natureza, do brincar e do aprender ao ar livre. O termo foi utilizado pelo Autor, Pesquisador e Jornalista americano Richard Louv, Cofundador da *Children & Nature Network*. Seu sétimo Livro, *Last Children in the Woods: Saving Our Children From Nature-Deficit Disorder* (2016) – no Brasil: *A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno de Déficit da Natureza* (2016) - que investiga a relação das crianças e o mundo natural em contextos atuais e históricos, provocados por um estilo de vida sedentário, sem contato direto com a natureza.

O termo TDN apresenta-se como uma forma eficaz de chamar a atenção para uma situação emergente, que provoca: Alterações nas condições físicas (falta de movimento, obesidade ou miopia); Mentais (estresse e ansiedade); Comportamentais (dificuldades de sono e hiperatividade) no indivíduo e que podem facilmente ser observados e diagnosticados por Profissionais Médicos. Tendo a incidência com menos de 12 anos de idade e apresentou uma maior evidência após o período Pandêmico da COVID-19. O TDN vem sendo pesquisado por diversas áreas como a Educação, a Medicina, a Psicologia e as Neurociências.

Sob o ponto de vista de Louv (2016), faz-se necessária uma intervenção contrária, na constatação de uma evolução do TDN, pois os indivíduos não tratados terão situações de sofrimento na vida adulta, com problemas de ordem social, comportamental, bem-estar físico e mental. O autor complementa, registrando que os Marcos da Infância se concentram no desenvolvimento de habilidades motoras finas e grossas, interações sociais e os primeiros, como o primeiro banho, e destaca que o contato com a Natureza, especialmente entre o zero aos 9 anos de idade, transforma os marcos de uma forma extremamente positiva e

mais saudável, tais como: a imunidade; a memória; o sono; a capacidade de aprendizado; a sociabilidade; as capacidades físicas. Qualificando, também, as capacidades executivas, como: planejamento; atenção; formação de novas memórias; controle inibitório; tomada de decisão; liberação de neurotransmissores, que provocam significativamente, para a criança, uma sensação de relaxamento e de bem-estar (Louv, 2016).

Devido à grande importância, no Brasil, através da sua Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988), em seu Artigo 225º, que define o acesso à natureza como um direito fundamental e registra: “[...] todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. A promoção de uma infância mais rica em natureza é fundamental e carece de ações organizadas sejam ofertadas pelos diferentes setores da sociedade, contribuindo para uma maior aproximação na vivência, com a Natureza, promovendo um desenvolvimento mais saudável das crianças nas cidades.

Nos dias atuais, cada vez mais Escolas e alguns Pais estão percebendo a importância de proporcionar, para suas crianças, o contato com a Natureza tornando-a um espaço educativo. Além disso, acreditam que estimular experiências e vivências, ao ar livre, é extremamente benéfico, além dos aprendizados, em sala de aula. Por meio da Obra de Richard Louv (2016), são apresentadas algumas sugestões, para os Pais, auxiliando-os para estimular a criatividade e o contato com a Natureza, tais como, convidar as crianças a passar um pouco mais tempo no quintal de casa, e se houver, contribuir com a proposta de piqueniques em espaços abertos, contar histórias de lugares da natureza que foram importantes durante a sua infância [pais].

Reviver antigas tradições, como caçar vagalumes e ter uma coleção de folhas, envolvendo toda a família em atividades em meio à natureza, na grande maioria das vezes, além da participação dos avós relembrando suas infâncias e de quando brincavam ao ar livre, para os netos. Pode-se, também, propor às crianças, para acamparem no quintal, observarem as nuvens e construir sua casa na árvore. São ações especiais, mágicas e que, além de proporcionarem benefícios para saúde, possibilitarão uma prática que poderá ser compartilhada por várias gerações, daquele grupo familiar.

3.2 O Turismo Pedagógico e o seu Potencial na Redução do Transtorno do Déficit de Natureza

Na concepção de Bonfim (2010), o primeiro contato da criança com a sociedade é através do seu núcleo familiar, iniciando as suas descobertas e dando os seus primeiros passos para o seu desenvolvimento e para a evolução das suas capacidades cognitivas, na abstração, na percepção e na racionalização, dando continuidade na Escola.

Para muitas crianças este precoce contato, com a Escola é traumático, pois não

estando com os seus pais, sentem-se incomodadas, em um ambiente que não conhecem, com pessoas estranhas o que necessita de espaço de tempo, para a sua ambientação. Assim, também pode acontecer nas primeiras “Saídas Pedagógicas”, a insegurança do novo, do desconhecido associado ao desconforto de estarem fora da sua zona de conforto. Bonfim (2010), salienta que, nesse caso, assim como na adaptação escolar a paciência, o afeto e a empatia de todos os envolvidos na atividade é imprescindível. E complementa, destacando que o foco é deixar a criança confortável e com uma sensação de bem-estar e segurança.

Sob o ponto de vista de Matos (2012), que detalha o Turismo Pedagógico (TP):

O turismo pedagógico é uma experiência que proporcionará ao aluno, fora do ambiente da família e da escola, o uso de sua liberdade, ou seja, um momento em que ele desenvolverá o espírito de responsabilidade, frente a si e aos seus companheiros de viagem, exercitando sua sociabilidade, sua participação, sua liderança, seu respeito ao próximo e uma constante busca de soluções para os problemas novos e sua análise crítica aos padrões morais existentes. É um momento extremamente importante para aprendizagem do aluno, pois conta com a autonomia para construir e reconstruir símbolos (Matos, 2012).

O Teórico Rousseau (1996) já explanava, em seus pensamentos, que para aperfeiçoar o espírito humano a Natureza deveria ser o guia e que a melhor instrução era os fatos da vida. Afirmava que os fenômenos ocorridos na Natureza trariam curiosidade, independência e autogestão:

[...] até os 12 anos de idade, a criança deve receber o máximo de estímulo dos sentidos, pois, um dos grandes problemas da civilização é que as crianças aprendem a ler muito cedo e, com isso, fecham-se para o rico universo da experiência sensória. Ver, ouvir, degustar, cheirar e tatear são atividades naturais que podem ser aprimoradas com a educação, mas, na maioria das vezes, a educação livresca das escolas colabora para o enfraquecimento dessas possibilidades [...] (Rousseau, 1996, p.55-56).

Como expõem Bonfim (2010), a coleta de dados e informações detalhadas do local, ou área, com um conhecimento prévio das características da região e dos potenciais, sejam históricos, culturais, geológicos, geográficos, sempre com um olhar para a Natureza é extremamente positivo, independentemente de o destino ser para outra cidade, ou município, ou seja, uma aula em outro ambiente, um momento especial e não apenas um mero passeio.

Na concepção de Louv (2016):

As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade. Essa necessidade é revelada de duas maneiras: ao examinar o que acontece com os sentidos dos jovens quando perdem a conexão com a natureza, e observando a magia sensorial que ocorre quando eles- mesmo os que já passaram da infância- são expostos a mais ínfima experiência direta em um ambiente natural (Louv, 2016, p. 77).

A Natureza é um ambiente repleto de incentivos, que fortalecem o desenvolvimento integral e facilitam o aprendizado, sendo relevante que faça parte do cotidiano de todos os sujeitos, não somente das crianças. No momento atual, torna-se um desafio que as crianças, tão envolvidas com as tecnologias disponíveis, se interessem em ter contato com a Natureza, sendo os seus equipamentos eletrônicos, muito mais interessantes e, até mesmo, hipnotizantes.

O desenvolvimento infantil, sob o ponto de vista de Louv (2016), representa:

Em termos de desenvolvimento infantil, a diminuição do espaço de mobilidade doméstico não é uma questão menor. Uma infância passada em espaços confinados (ou no banco de trás de um automóvel) de fato reduz alguns perigos para as crianças, mas outros riscos aumentam, incluindo riscos à saúde física e psicológica, riscos à percepção da comunidade da criança, riscos à confiança e à habilidade de discernir o perigo real - e a beleza (Louv, 2016, p. 144).

As Saídas de Campo são tentativas para que as crianças descubram outros ambientes, diferentes da sala de aula. Criando a possibilidade de uma interação com a Natureza, com novas energias e esta ação torna-se urgente, pois muitas crianças residem em apartamentos, alguns com área de lazer, outros não, e o “Passeio Normal” se limita a lugares urbanos, com ênfase no consumismo, na diferença de classe social e poder aquisitivo. Atualmente, o grande desafio é fazer com que as crianças não se comuniquem, interajam apenas através das redes sociais e de jogos virtuais. Como expõem Louv (2016, p.32), que nos apresenta um relato na sua obra - A Última Criança na Natureza: “[...] prefiro brincar dentro de casa porque é onde há tomada [...]”. Em muitas salas de aula, ouvi variações dessa frase.

A Natureza oferece diversas possibilidades para formar a autodefesa da criança, aumentando a autoconfiança e podendo também aprimorar probabilidades para desenvolver habilidades psicológicas de sobrevivência, as quais auxiliam a detectar o perigo real, criando-se assim, menores chances de acreditar em ameaças falsas. Por parte da Escola, é necessário que seja pensado o cotidiano coletivamente de forma interdisciplinar e que a avaliação seja emancipatória, resultando assim no conhecimento como forma de melhorar a relação entre as pessoas. Além disso, a Escola deve ser um local onde tudo é discutido.

3.3 A Saída de Campo: O Currículo, a Realidade e a Necessidade

É comum que as Saídas de Campo sejam um privilégio das Escolas Particulares, onde os eventos constam na Grade Curricular. Já as Escolas Públicas apresentam outras realidades, onde podemos entender que ainda estão rascunhando essa nova realidade, uma vez prejudicadas por várias dificuldades, seja devido as condições financeiras das famílias dos alunos, onde as prioridades são outras, como alimentação e moradia, impedindo a participação das crianças. Além, de ser de conhecimento público, de que muitas crianças

só têm acesso, ou seja, só recebem uma alimentação na Escola e, para essas famílias investir em um passeio é algo impossível.

Outra dificuldade apresentada, em muitas vezes, dá-se pela responsabilidade necessária, em relação a segurança das crianças, uma vez que as Saídas de Campo não estejam sendo contempladas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, dentre outros tantos impedimentos. Realidades que se tornam um grande desafio, para aqueles Docentes que compreendem e acreditam na importância dessa ação pedagógica, para o desenvolvimento e crescimento dos seus alunos. Porém, há soluções para esta situação e cabe a Gestão Escolar buscar as providências. Muitos locais considerados potenciais para o Turismo Pedagógico apresentam gratuidade no acesso.

As Novas Diretrizes da Educação (Brasil, 2010) e os Temas Contemporâneos Transversais (Brasil, 2019), estimulam as Escolas, porém, sabemos que, nas Escolas Públicas, o apoio dos Órgãos Governamentais é demorado, ou até inexistente, mas com um planejamento cooperativo entre a Comunidade Escolar, Instituições de Ensino, Famílias e, principalmente as Gestões Escolares, as Saídas de Campo, podem ser concebidas sem a geração de custos, sendo necessário apenas a boa vontade, uma logística bem elaborada e colaborativa, tais como: Museus, Sítios Históricos, Teatros, Cinemas, Parques dentre outros que têm em sua política interna a consciência de que podem e devem contribuir, em especial para com as Escolas Públicas. Como alternativa paga, há opções de locais com baixo custo, mas não menos interessantes, tais como propriedades particulares rurais que recebem visitas de Grupos Escolares.

Na concepção de Ansarah (2001), nesses locais onde as crianças, enquanto aprendem, são apresentadas para uma nova realidade, para novas capacidades, competências e novas curiosidades, tudo que é necessário para amenizar e combater o TDN. O Autor, complementa, detalhando o importante objetivo do Turismo Pedagógico:

Na atividade de turismo pedagógico, o importante é despertar o interesse do aluno para o novo conhecimento, pelo local, pelos usos e costumes da população. Afinal, é por intermédio do querer saber mais, da percepção, que o ser humano desenvolve seu senso analítico crítico e a vontade de conhecer mais a respeito de determinado assunto, enfim de pesquisar. Trata-se de uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciadas pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa (Ansarah, 2001, p.294).

Ações Pedagógicas desenvolvidas junto à Natureza ganham vida, propiciando experiências únicas de interação com o local, com algo real propiciando um conhecimento dinâmico, provocando interações desprovidas de críticas, alienações ou fantasias.

Sob o ponto de vista de Hora e Cavalcanti (2003), que contribuem:

As formas de relevo em uma aula de geografia estarão à vista, poderão ser percorridas; os impactos da poluição serão sentidos de perto em uma aula de campo sobre o meio ambiente; a aula de história ganhará formas

nos monumentos históricos da cidade; as formas geométricas ganharão fascínio nas fachadas dos prédios e nos terrenos, enfim, são inúmeras as possibilidades do turismo pedagógico (Hora; Cavalcanti, 2003, p. 225).

O Turismo Pedagógico, sob o ponto de vista de Bonfim (2010), apresenta-se como uma alternativa articuladora entre educação e lazer, capaz de proporcionar o desenvolvimento do sujeito, no momento em que possibilita uma interação com o meio. Apesar das tentativas, o Turismo Pedagógico tem sido apresentado, na maioria das vezes, como um segmento de mercado e não como uma Prática Educativa cujas raízes encontram-se nos aspectos norteadores da Educação.

3.4 A Relação da Teoria da Escolha de Glasser (1970) e da Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1980), para o Processo de Desenvolvimento e Aprendizagem, considerando o Turismo Pedagógico

O ser humano, na concepção do Doutor em Psiquiatria e Mestre em Psicologia Clínica William Glasser, criador da Pirâmide de Aprendizagem (ou Cone de Aprendizagem) registra que: “O ser humano é um aprendiz nato, mas, para aprender, é preciso querer: o aprendizado deve se dar de dentro para fora”. Ele ressalta a disposição das pessoas em querer aprender, e isso diz respeito a uma escolha. Assim, quanto mais ativa e mais centrada no estudante for a metodologia, maior será a capacidade de aprendizado. Esse processo de assimilação de conteúdo de dentro para fora, portanto, será diferente em cada pessoa.

O perfil de cada estudante vai impactar o processo de Retenção do Conteúdo, algo que se aproxima do conceito de Aprendizagem Adaptativa. Glasser (1970), complementa: “A boa educação é aquela em que o Professor pede aos seus alunos que pensem e se dediquem a promover um diálogo para promover a compreensão e o crescimento dos estudantes”, a Teoria vem amplamente sendo divulgada e aplicada por Professores e Pedagogos, pois trata-se, dentre as muitas existentes, uma das mais interessantes, pois ela demonstra “que ensinar, é aprender”.

Sob o ponto de vista de Da Silva e Muzardo (2018), a Pirâmide de Aprendizagem, também conhecida como “Cone da Aprendizagem”, é um modelo gráfico e hierárquico que representa o potencial de absorção de conhecimento que cada modalidade, ou meio de estudo oferece para aprender. Para os autores, o Modelo leva em consideração duas posturas de aprendizagem: A Aprendizagem Ativa (topo), e a Aprendizagem Passiva (base). Sendo que a retenção desse conhecimento também depende diretamente da participação e do comprometimento do Discente. Ou seja, aprender não é decorar ou simplesmente memorizar; é experienciar, fazer parte, praticar.

A Pirâmide de Aprendizagem de Glasser (1970), apresenta-se como uma base consistente, para a prática do Turismo Pedagógico, observando a elevação do grau de

participação do estudante a cada etapa, demonstra que, quanto mais ativa a postura do estudante, maior a “Taxa de Aprendizagem”. Logo propiciar ao aluno/aprendiz um novo ambiente e desenvolver um trabalho/estudo relacionado às experiências vividas resultará em um melhor aprendizado, ou seja, quanto mais o estudante se envolve com determinado tema, mais aprende efetivamente sobre ele.

Na concepção de Glasser (1970), o método é um modelo hierárquico que atribui uma porcentagem a cada competência, em relação a retenção de conteúdo/conhecimento, a partir das habilidades cognitivas, considerando nas diversas formas de absorção do cérebro humano, conforme detalhado na Figura 1.

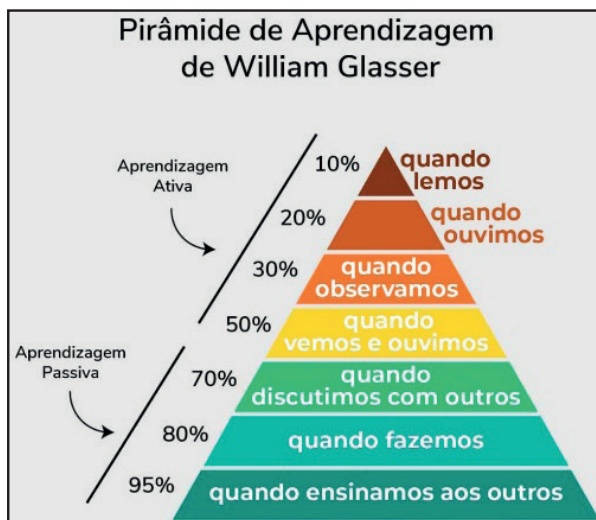


Figura 1 – A Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser (1970)

Fonte: Instituto Somos. Imagem disponível em: https://www.institutosomos.org/wp-content/uploads/2023/09/piramide_aprendizagem_william_glasser-1024x884.jpg

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS (Brasil, 1997), contribuem para esse amplo objetivo, pois estimulam a prática de estudos *in loco* como método de ensino. E as novas Diretrizes da Interdisciplinaridade (Brasil, 2010) incentivam que os Docentes tenham as saídas de estudo como ferramenta didática que aproxima a Teoria da Realidade, vinculando a leitura e a observação das ações, associando a problematização, contextualizando com a proposta apresentada pelo Docente, o que, desse modo, aumenta o nível de conhecimento dos alunos.

Na década de 1980, um Grupo de Pesquisa liderado pelo renomado Cientista e Psicólogo Howard Gardner elaborou um estudo que ficou conhecido como a Teoria das Inteligências Múltiplas. O objetivo da pesquisa era analisar e compreender como funciona a Inteligência Humana, chegando à conclusão, em suas pesquisas, de que todo ser humano não tem uma, mas sim várias capacidades intelectuais latentes que se desenvolvem de

maneira única, em cada pessoa, conforme questões genéticas e culturais, possibilitando o entendimento de que a Inteligência Humana é algo muito mais amplo e complexo do que é possível compreender através de uma Prova, ou de um Teste de QI – Quociente de Inteligência. Cada pessoa tem suas limitações, genética, personalidade e história de vida, por isso reduzir o desempenho a um único modelo de aprendizagem pode limitar a capacidade de demonstrar outras aptidões e habilidades.

Nas palavras de Howard Gardner (1980): “O maior desafio é conhecer cada criança como ela realmente é – saber o que ela é capaz de fazer e centrar a educação nas capacidades, forças e interesses dessa criança”. Desta forma, o caminho da educação está na personalização do ensino. A educação personalizada leva em consideração que cada criança tem o seu jeito de aprender, seja através da leitura, de atividades dinâmicas, ou até de expressões artísticas. Em seus estudos, afirmou que os seres humanos dispõem de Inteligências Múltiplas, em sete tipos: Inteligência Linguística, Lógico-Matemática, Espacial, Interpessoal, Intrapessoal, Corporal Sinestésica e Musical. Posteriormente, foram somadas a Inteligência Existencial e a Inteligência Naturalista, conforme detalhado, abaixo, na Figura 2.

Figura 2 - Teoria das Inteligências Múltiplas, de Gardner (1980).

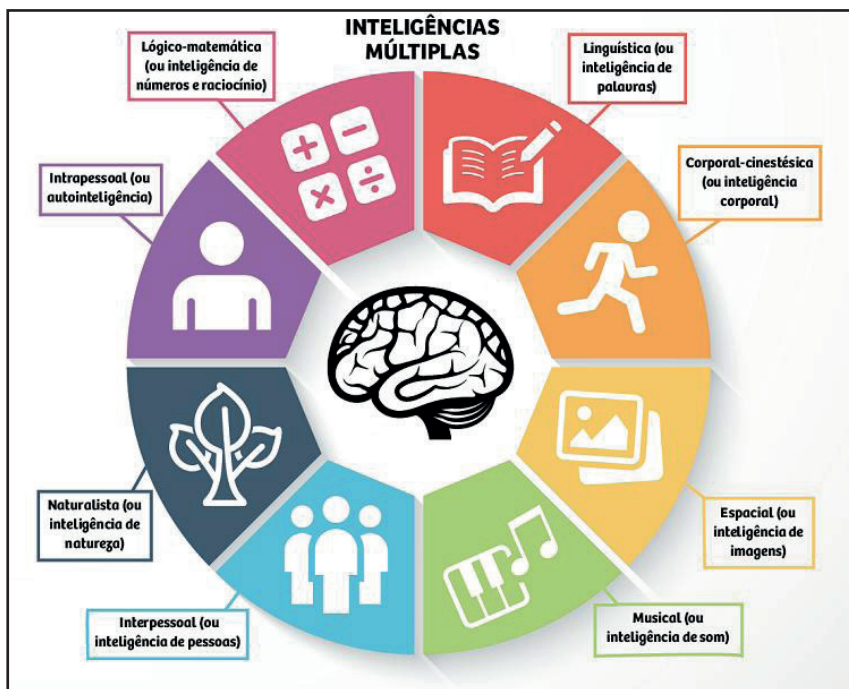


Figura 1 – A Pirâmide de Aprendizagem de William Glasser (1970)

Fonte: Karen Zanata/Montagem sobre ilustrações de iStock.com/Getty Images.

Disponível em: <https://www.altoastral.com.br/media/uploads/legacy/2016/07/inteligencias-multiplas.png>

Quanto a esse assunto, os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), afirmam:

É importante salientar que o espaço de aprendizagem não se restringe à escola, sendo necessário propor atividades que ocorram fora dela. A programação deve contar com passeios, excursões, teatro, cinema, visita a fábricas, marcenarias, padarias, enfim, com as possibilidades existentes em cada local e as necessidades de realização do trabalho escolar (Brasil, 1997 p.67).

Essas possibilidades permitem que o educando experimente e desenvolva outras “Inteligências”, que nem sempre são contempladas em sala de aula. Notadamente, essas possibilidades aumentam a afetividade dos envolvidos o que torna clara a importância deste aprendizado tanto na parte didática como na parte psicológica, onde muitos alunos enfrentam seus medos entrando em harmonia com o meio ambiente e desenvolvendo a autoestima, a autonomia nas decisões e escolhas do dia a dia, responsabilidade e cuidado com o próximo, com o local onde vive, despertando o sentimento de conservação dos bens materiais, culturais e ambientais. É extremamente fundamental que, quando possível, a Escola e o Docente consolidem a Teoria, com a Dinâmica e com a Prática.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Capítulo pretendeu enfatizar a importância de proporcionar, para as crianças, atividades, ou até mesmo momentos livres, em meio à Natureza. Esses ambientes verdes proporcionam um desenvolvimento integral e adequado, onde as crianças usufruem desses espaços em seu benefício e praticam ações que, em espaços fechados, muitas vezes, não podem ser realizadas. Por outro lado, percebemos que atualmente a qualidade de vida das crianças está se tornando cada vez mais restrita, muitas delas vivem em espaços fechados e não têm contato com a Natureza, o que impacta em seu desenvolvimento e em sua saúde. Essas crianças passam grande parte de seu tempo livre sentadas no sofá em frente à televisão, celular ou videogame. Para muitos pais ou responsáveis é mais simples e prático proporcionar momentos assim, do que levar suas crianças no parquinho, a fim de desenvolver ou criar atividades que envolvam “tempo”. Por exemplo, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, corrida, jogos coletivos, dentre outros tantos.

A Escola busca exercer um papel importante nessa questão, em muitos casos as crianças têm somente o tempo da escola para poder desfrutar da Natureza e praticar atividades físicas, ao ar livre. Porém há uma compreensão de que há muito a se fazer e a urgência é imediata. A Escola deve formar seus Docentes e oferecer projetos para Saídas de Campo, através do Turismo Pedagógico, baseada nas importantes Teorias de Glasser e de Gardner, que proporcionem, além do próprio entretenimento do Evento, o desenvolvimento dos aspectos cognitivo, afetivo, cultural, social e de aprendizagem dos alunos. Por esse motivo, é essencial que as Instituições Escolares analisem seu planejamento e incluam em

seus Currículos atividades planejadas e programadas em meio à Natureza, para acolher e estimular os seus alunos. Baseando-se nesta prática, muitos pais podem perceber a importância que a natureza apresenta no desenvolvimento das crianças, e qualifiquem a qualidade de vida do seu filho (a), compreendam a origem das enfermidades do seu filho (a) e como protege-los, e, através desta consciência, ofereçam mais atividades ao ar livre e inibam a possibilidade de que seus filhos (as) desenvolvam o Transtorno do Déficit de Natureza.

A Natureza oferece algo que a televisão, o celular, ou os espaços fechados não têm. Proporciona um ambiente saudável de aprendizagem e desenvolvimento, que contempla um infinito de possibilidades positivas. A criança pode imaginar, criar e buscar os seus objetivos futuros de forma a desenvolver suas múltiplas inteligências, aprimorando seus conhecimentos de forma consciente, sustentável e com qualidade de vida, compartilhando este progresso com o seu Grupo Familiar e com os seus descendentes.

REFERÊNCIAS

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Teoria Geral do Turismo**. In: ANSARAH, M. G. dos R. (Org.). Turismo: como aprender, como ensinar. São Paulo: SENAC, 2001.

BONFIM, Mailane Vinhas de Souza. Por Uma Pedagogia Diferenciada: Uma Reflexão Acerca do Turismo Pedagógico como Prática Educativa. **Revista Turismo - Visão e Ação**, vol. 12, nº. 1, pp. 114-129 Universidade do Vale do Itajaí. Comburui: Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2610/261056080007.pdf> Acesso em: 08/01/2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Art. 225**. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para a presente e futuras gerações. Brasília, DF: Senado Federal/Centro Gráfico, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10/12/2023.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acesso em: 10/12/2023.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Publicado no Diário Oficial da União, em 9 de julho de 2010, Seção 1, Pág.10. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf Acesso em: 08/02/2023.

_____. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC. Proposta de Práticas de Implementação**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Políticas e Regulação da Educação Básica. Coordenação-Geral de Temas Transversais da Educação Básica e Integral. Coordenação-Geral de Inovação e Integração com o Trabalho. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/guia_pratico_temas_contemporaneos.pdf Acesso em: 08/02/2023.

DA SILVA, Fábio Luiz; MUZARDO, Fabiane Tais. Pirâmides e Cones de Aprendizagem: Da Abstração à Hierarquização de Estratégias de Aprendizagem. **Revista Dialogia**, nº. 29, pp. 169-179. São Paulo, 2018.

GARNER. Howard. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª. Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

HORA Alberto Segundo Espínola da; CAVALCANTI, Keila Brandão. **Turismo Pedagógico: Conversão e Reconversão do Olhar**. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: Desenvolvimento, Estratégia e Gestão**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUV, Richard. **A Última Criança na Natureza: Resgatando Nossas Crianças do Transtorno do Déficit de Natureza**. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.

MATOS, Francisco de Castro. **Turismo Pedagógico: O Estudo do Meio como Ferramenta Fomentadora do Currículo Escolar**. **SEMINTUR -VII Seminário de Pesquisa em Turismo no MERCOSUL. Turismo e Paisagem Relação Complexa**. Universidade de Caxias do Sul [Caxias do Sul], 2012. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/01/01_Mattos.pdf Acesso em: 10/02/2024.

ROUSSAU, Jean-Jacques. **O Contrato Social – Princípios do Direito Político**. 3ªed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.